

Tinge, tinge os teus beijos co sangue do solpor;
enmourece as tuas olheiras com brêtema
e prolonga as tuas celhas com farrapos de noite.

Peiteia os teus cabelos co peite da ponte;
enguedelha neles a Sírius como umha flor;
acouga no teu peito o rio como um colar.

Coa lança da tua olhada fura os astros
e pom os luzeiros como anéis nas tuas mans
e o sol e a lua como pulseiras nos teus pulsos.

Molha, molha os teus beijos na água milagreira da
[saudade,
para que me saibam a caraveis mortos quando os
[bique.

Morda, morda a tua boca a semiesfera do horizonte,
para que me saiba a laranja roubada quando a beije.

Deita-te sobre o leito do serám
cumha rosa na palma de cada mam,
cumha estrela no cume de cada peito;
e aguarda-me
co coração apreixado pola mam do degaro.

Quando chegue a colher os ácios da tua vide,
exaltará-se a vida aos olhos meus.

E as vespas serám arcanjos guerreiros,
e regueiros de luz os vermes
e estrelas de cinza as aranhas.

E os penedos escalarám o céu
e as ardentias levarám a frente de Deus.

Quando chegue a colher as flores no teu jardim,
a ingejeza cantará na minha vida
como um jílgaro num pinheiro.

E poderei escorrentar os ciúmes cos abanos das
[tuas mans,
amarar o hidro do desejo nas neves dos teus lençóis,
arranjar o nó da gravata no espelho da tua alma,
acender o cigarro nos teus olhos
e me limpar o pó co cepilho das tuas vebas.

Além do amor eu te amei;
além do amor, porque o amor
estava alô, naquel cume,
alto, isolado, senlheiro,
só polo vento batido,
só polos astros aceso;
indemne às frechas do olvido
polo bronquel da estatura;
de fundamental imóvel,
afincado de princípio,
de totalidade armado,
acouraçado de egrégio;
eixo, pena, dogma, síntese.

Furá-lo quem poderia?
rija montanha de esforço.

Pero ti nom foches, túnel,
nom, esculcar-lhe as entranhas.
Nom lhe roubaches o forte,
a eternidade deixaches-lha.
Foches co gume de greza,
coa couraça do indefenso,
coa lança do morredoiro.

Vestiches-te de ingeleza,
de nom querer, de outra cousa.
Por vieiros de humildade
rubiches, águia, num voo
ocultamente orgulhoso.

O alto cume assi venciches,
deixando apenas a sombra
das tuas asas fugitivas.

Além do amor... Lá ficaches,
na soleira do sonhado...
No porvir do amor, no infinido
do caminho da saudade
florecem as tuas flores.

Cantigas do amor lonjano
que eu cantei, claras de lume!
Lonjano até o além do amor.
Quigem-te co além do espírito.

Além do amor eu te amei.

A lembrança que me deches
dói-me além do amor, acesa.

Serenidade. Anseio.
-Ouh amor conquistado, amor buscado!-.
Que distinto recendo
tenhem as duas essências.
Relanço a umha incoloro.
Fervença a outra branca.
A frente derrubada,
um colo como arela onde esquecer-se.
Na inquieta mam do moço,
a pomba vulnerada
pola frecha do triunfo
é tesouro perdido.
Emporisso, a almofada
da paz! Mais emporisso,
o resólio da loita!

E se som dous vieiros,
somos talvez um home?

Infinitos espíritos
cruzam-se como ventos
na rosa de mil folhas
que é o momento que somos.
O momento da história.
Actores nom: cenário
onde actuam actores
desconhecidos, somos.

E se som dous vieiros,
só temos umha asa?

Ancoremos no eterno
do amor logrado, e seja
o nosso eu mais puro
o que abale nas águas
dessa unânime ria.
Pero demos-lhe ao pulo
desse outro eu turbulento,
domador de cavalos,
vencedor de horizontes,
o encanto dumha terra
prometida e fantástica.
E nom sejamos deuses aborridos
nem brutos indomados.
Coa cadeia da própria humanidade
unamos o passado e o futuro
-ouh amor conquistado, amor buscado-
p'ra fazer o presente
-amor.

O SEXO DO ANJO

Ouve-me, ti, que peiteias as loiras guedelhas das virges brandes espada de fogo e olhas os olhos de Deus.
Ave que aninhas na frouma dos mestos cabelos do Padre Hermes cristiám às donzelas anúncias o filho arelando Gótica flor de refenda. Paxaro de fauna superna.
Nom o querube de corpo de rosa e asinhas de jílgaro, doce bebé rebuldeiro e amigo do Neno Jesus, tenra cachola alígera, flor bolboreta do céu.

Ouve-me ti, alto guerreiro, fúlgida espada de Deus; debelador do Príncipe escuro do Inferno, Satám, que nas idades infinidas do tempo, segundo cantara Milton, mordeu por ti, ¡forte!, o pó do abismo o primeiro.
Ti que coa tua olhada acendes os astros de noite.
Ti que te assentas na lua e diriges o abalo do mar.
Brando guieiro da infância inexperte a baleira de tino, anjo da guarda de mans maternais e sotís carexas, tácito sempre pousado nos pés do pequeno berce.
Ti que coas asas abertas cobelhas os ossos dos mortos, anjo da morte ergueito e solemne, esfinge impassível, Ouve-me. Di-me do sexo que ocultam tuas coxas pechadas.
Di-me que género escondem as pregas da veste impoluta.
Pálido mágico rosto de virge lonjana o teu rosto.
Gesto de santo cruzado teu gesto sereno e impávido.
Formas andróginas, híbrido, efébio, ambíguo corpo.

És rapaza ou moço, sagro guerreiro de Deus?
És quiçá Ganimedes copiado do helénico mito?
Fijo-te láveh tal que o copeiro do Júpiter clássico?
És ideal conforto dos beatos varons, donzelinha?
Espiritual acougo dos olhos das virges, rapaz?

GUARDA COM SONO

Som o número três.
Posto de doze a duas.

A noite vai girando lentamente,
movida
- bombo da lotaria –
polo veio da minha impaciência,
ao redor do eixo
da flauta dum sapo.

Na escuridade brilha
sobre o meu mosquetom
a escultura dumha chama geada.

As estrelas das minhas esporas
dialogam coas estrelas do céu.

Sentada a minha noiva está na lua.

Entreterei-me em enxergar estrelas
p'ra fazer um colar p'ra ela.

Que arcanjo fará guarda hoje no céu?

Um sistema de galos,
p'ra orientar cara ao porto do abrete
a noite
combinam os seus faros.
A lua é um mosteiro de alfami,
e, aos tangidos dos grilos,
vai tomar ela o veio.

E aquela nena loira que me permitiria
que me figera amar-te e conhecer-te
na tua infância ausente?
E aquela nena loira que me permitira
querer-te e ter-te
em mocidade e infância?

A lanterna dum galo
devolve-me o mundo.
Uniforme, consigna,
soledade, cansância.

A noite vai girando
-bombo da lotaria-
e o veio do tempo
extrai a bola do relevo.

As duas chegam sonolentas,
guiadas polo cabo,
a ombros de companheiro número quatro.

CÉU DO MARINHEIRO

Marinheiro que tes a flor da água nos olhos,
quando morras irás ao céu dos peixeiros.
Ali muge as suas barbas azuis o Rei do Mar,
ácio de xebras, mexilhons e berberechos.
Espida divindade de olímpica velhice,
na sua grande cadeira de cristal.
Ali os anjos em troques de asas colas de peixe
olhos beligerantes na amêndoa da faciana.
Mudos limons endoçam-lhes os peitos.
Marinheiro que tes a mar nos olhos,
e, ao cortar a tua quilha a linha equatorial,
te bautizou Neptuno;
de quem a alma esvarou, no trinéu dumha olhada
polos geos polares, catando a flor do frio;
que esborralhaches trombas
com cruces salomónicas
e soubeches do amor das filhas dos viquingos...
Um dia hás ver xurdir na fauce do horizonte
o buque fantasma do holandês maldito,
como nos velhos contos que aprendera Salgari.
Coroado por um coro de albatros,
cantará o mar o teu funeral do profundo.
Irás, morto, à deriva,
aspergido de lua,
e as sereias ham recolher a tua alma
que pairará no verde dos céus submarinos.

SONHO DE CATARINA

Jardineira, cuida as tuas flores.
Os lobos baixam da montanha.
Jardineira, cuida as tuas flores.

Os lobos saem dos seus tobos.
Os debulhadores de flores.
Cuida as tuas flores, jardineira.

É a hora em que congrega o galo
na trave, cansas, as galinhas.
Cansas de pôr ovos de neve
e debulhar vermes de esmeralda.

Os lobos baixam da montanha.
Os cans ouveiam à lua
e nom vem que baixam os lobos.

Som lobos escuros e raudos,
cujos olhos abrem na noite
corredoiras de lume roxo.

Amam as flores, e, ao ceá-las,
bêbedos, dançam nos jardins,
baixo a olhada leda da lua.

Catarina, a tua fiestra
abre-se ao jardim, Catarina.
Catarina, cobre as façulas.

Que lobos mais originais!
Deixam espidas as roseiras.
Que lobos mais originais!

Estás sonhando, Catarina?
Diamantes que rachem os vidros?
Ou serám os olhos dos lobos?

Catarina, quem fosse lobo,
para debulhar-che as façulas...

O abrete adianta no horizonte
um anaquinho de presença.
Os lobos, cantando e rindo,
rubem aos tobos da montanha.
Ao passar junta os cans dormidos,
acenam-lhes sem que se decatem.

Umha rejeirinha de sol,
como umha aguilhada de ouro,
fere no lombo dos lobos.

Os lobos botam a correr.

Luz. Catarina despertou.

RETRATO

O teu retrato ante min,
por um cristal protegido,
é um espelho duvidoso.
A olhá-lo, o meu rosto vejo
co teu rosto misturado.
Aquela boca é a tua
ou a minha? Aqueles olhos
som os teus olhos, os meus?
Assi, vejo diante mim
um rosto que nom é o teu,
um rosto que nom é o meu
e que aos dous se nos parece.
Duvidoso espelho, ante-
cipa-me paternidades.
Pois no fundo do cristal,
milagre, se me revela
a faciana que terá
o filho nosso que dorme
lá, no berce do vindeiro.

LUÍSA SORRISO

Sorri-me, Luísa Sorriso.

Sempre ela está silenciosa,
p'ra nom desfazer, falando,
o triângulo da sua boca.

Que bem deve de saber
a amêndoa da tua faciana,
molhada em mel do teu pelo.
Deixas-me prová-la?

Pero ti, sempre a sorrir,
calas.

Como umha fotografia
de ti mesma, silenciosa.
P'ra nom desfazer, falando,
o triângulo da tua boca.

O triângulo da tua boca
formam-no duas gueivotas.
Duas, voadoras
e roxas.

Por um ceu de nuves brancas
e rosa,
voam,
umha por riba da outra.
Polo céu da tua faciana.
umha paira;
a outra
leva ergueitas as asas.

Paxareiro é o teu silêncio,
Luísa Sorriso, que as guarda.
O caçador dumha verba
pode matá-las.

AUTOMÓVEL

Às nove em Ferrol.
Às dez em Betanços.
Às onze em Santiago.
Às doze em Padrom.

Ponte Vedra!: a umha.
Vivo, em Vigo, às duas.

Oh!

Se fosse doado ter
em cada vila um amor,
eu coseria seis bicos
co fio dumha traiçom.

Por el, o
meu coração esvarara
entre Vigo e o Ferrol.

MULHER

A vida nom és ti soa,
mulher de ondulantes formas;

cabeçal de tenra graxa
onde o meu sangue remansa;

doce copa cristalina
na que ferve em vinho a vida;

boiám no que Deus deitou
bálsamo consolador;

jarro de barro florido
onde o amor se brinda ao bico.

A vida nom és ti soa,
frágil lama agarimosa.

Só um signo és, caligrafia
no hieróglifo da vida.

A vida é tamém a estrela,
a flor, a pomba e a pérola;

a loba de brancos dentes,
a ovelha de olhos de sede.

Mas ti tes de flor e estrela,
de pomba, loba e ovelha.

Eu bebo a luz dos teus olhos,
e em lume de sangue agromo.

À tua gorja, se a alouminho,
arrolos de pomba arrinco.

O teu recendo carnal
os meus pulmões enche de ar.

E co reiso dos teus dentes
travas-me na entranha doente.

Ou lírio entre neve, balas,
polo meu lume alapada.

Microcosmos, logaritmo,
pitagórico sustido

da música das esferas,
vincha que o cosmos encerra.

Como o universo redonda,
mesta essência, enxebre forma.

Cinjo-te cos braços eu,
como cinge o cosmos Deus.

Como na esfera do todo,

lume e pedra, Deus e cosmos,

ti e eu completa substância:
ti o meu corpo, eu a tua alma.

A vida nom és ti soa.
Mas no recendo está a rosa.

BELEZA DE MULHER

Trás da beleza da mulher,
nada procures.
A volaina que vas colher,
pousa em nengures.

Somente enxebre é o fanal,
se está baleiro.
Embaça-o o bafo espiritual,
mesto nuveiro.

Forma, perfeito ninho de ar
da formosura
-paxaro sem entranhas-, lar
da chama escura.

Presença sem segredo, clara
luz sem além.
Beleza feminina, avara
de infinida rem!

Entre o si e o nom,
Senhor, que farei?
Como as cousas som?
Si ou nom? Nom sei.

O mundo é um paxaro;
vai com duas asas.
Por que, meu degaro,
as asas esgaças?

Olha como aboia
sobre o vento a ave.
Deixa-a voar soia;
bem o endreço sabe.

Se a fas margarida
do nom e do si,
voará ferida,
fugirá de ti.

Procuras segredo
à beleza sua?
Está no ser ledó
a verdade nua.

Pra vós a verdade,
p'ra mim a beleza;
p'ra vós o conceito
e p'ra mim a verba.

Quem ainda sabe
como som as cousas?
Eu a cançom levo
como flor na boca.

Guerreiros formosos,
arcanjos do certo,
que as brancas espadas
cravades no céu.

Cara a Deus vivedes,
como em Deus eu vivo.
Vós interrogades
mentres eu admiro.

Do mundo enigmático
querés o segredo.
Eu canto, pueril,
o que nom compreendo.

Ai, as perguntas
que endejamais serám contestadas.
Vai o rio cara ao mar:
nom pode volver a água.

Todo o que sabem os sábios
a mim nom me importa nada.
Um angaço de anos vougos,
Fausto,
peiteia a tua barba branca.

Nem médicos nem juristas
curam o corpo ou a alma.
Home,
o corpo que queresias,
a alma que queresias,
nem drogas nem leises fartam

Carne de mulher, que triste.
Verba de varom, que falsa.
Toda resposta é mentira.
Só é verdade a pergunta,
a pergunta
que resposta nom aguarda.

Os velhos amigos
presentam-nos as suas mulheres novas.
No vidro do vermuth nace o passado.
Roda dos dias escolares,
tam doada de apurrar.
O mundo era p'ra nós um grao de anis,
atlantes de viçosos lombos.
A brilhante cometa da lembrança
cintila.
A sua cabeleira é como a desta
moça que nos sorri.

Já virá logo a cola da saudade.
E a lediça dos tempos
novos – dos tempos velhos – e a lediça
destas novas mulheres, que ao ser deles
som nossas, como que eles somos nós,
agroma, como um búcaro,
como umha flor, como umha lámpada,
no márml frio desta mesa
a cuja orela
o hoje é um intre onte p'ra nós três.
Os velhos amigos
presentam-nos as suas mulheres novas.
Morte e vida
perdem o seu segredo ao velador.
Obriça cabeleira, resplandecente nó.
Um intre, só um intre.
Adeus.
E veleiqui a cola de saudade.

Cabo de mim, os anos escolheitos,
que encol do coração eu a estreitasse,
ela estivo aguardando, ruborosa.
Fiandeira de sonhos, ela veste
linho de lírios, e o cabelo prende
cum enxâmio de estrelas orvalhadas.
Estrelas doces de peteiro loiro
que a coroa de virge lhe desenham.
Arcanjo imorredoiro, as suas asas
som as asas das noivas mais enxebres.
Vestida de lediça, ela é formosa,
cos seus olhos de amor claros e novos.
Cabo de mim, estivo-me aguardando,
tremor de ponla, os anos escolheitos.
Trazia-me a arage o seu recendo.
Nom a fitava, anque a sabia bela.
Finar, p'ra amá-la, umha obra, eu aguardava.
E trabalhei sem risos e sem gozos
em procura da minha arela esgrêvia.
Os anos escolhidos rematárom,
e ela, em fin, vai-se, enexoravelmente.
Digo-lhe adeus sem tê-la possuído.
O berce dos seus braços nunca soubo
como amo, como durmo, como sonho.
Vai-se cos seus vestidos de lediça.
Vai-se coas suas estrelas e as suas rosas,
coa sua carne de arçaia, coa sua forma
vigorosa, cos seus paxaros tolos,
seus ajôujeres de água e vento. Vai-se
a amar outros amantes. Nos seus beijos
nom acharám a cinza dos meus beijos.
Nom me olharám no fundo dos seus olhos.
Risa lançal, profunda e sem motivo.
Salaio ingel, misticamente dondo.
Perna gentil, na dança sibilina.
Sabedoria da ignorância extrema.
Fresco balbor do mundo recém feito.
Recendo de mulher recém amada.
Torre de céu, povoada de laverças.
Adeus. Finar umha obra eu aguardava.
Morrerei em cobiça de arquitecto.
Nom a rematarei. Mas se a remato,
ela nom estará na minha orela.
Verei-na noutros braços esmaecida.
Passará ao meu carom de olhos estranhos.
Digo-lhe adeus sem tê-la conhecido.

Oh névoa, oh névoa.
As agudas olhadas perdem-se no teu gris.
Tornam logo, contando-nos nom o que vírom além:
os mundos das suas cuncas dam-nos por sóis exteriores;
Édipo que se arrinca os olhos que nom vem o destino.
Santa Luzia a olhar na mam os seus próprios olhos.
Oh pano gris, ou mouro, que cai encol da catástrofe.
Da tragédia completa, prólogo quer facer a cobiça.
E, se quadra, um Ésquilo, trono de nuves, no alto,
trilogias, tetralogias escreva que representamos;
e quando todo semelha rematado, outro todo começa.
Como o sangue de Agamenom ao sangue de Clitemnestra
[chama,
e o sangue de Clitemnestra desperta as Erínnias dormidas,
así quiçá a morte dumha vida outra vida acende
que há morrer p'ra engendrar da sua morte outra vida,
e em anéis grandiosos tecer a infinita cadeia
cujo termo incessante é sossego no infindo dum Zeus.
Assi o chifro geado do paxaro das asas de noite
pode ser alento ser quente, genesíaco bafo de Alguém.
Temos sido abalados polo súbito terremoto.
Olhamos, entre ruínas, um cadáver que pudo ser nosso.
Arrepuinhada a carne, sente o medo na entranha ferida.
Mas a paz do solpor estende-se encol dos despojos.
umha luz peneirada enmolece os ríspetos rostos.
E a doçura da noite, como o sono num neno, entra em nós.

Anda, home, arrandeia-te; é o teu fado:
de atrás adiante, adiante atrás. Carriola
do pensamento! Nega-te e afirma-te.
De Deus herdeiro ou orfo.

Julga-te

seta deitada ao além, pulo baleiro.

Pobre neno que a tua randeeira
atas à árvore de vida, à árvore de ciência,
e vas da sombra à luz, da luz à sombra.

Chama polo teu pai, já que tes medo,
ou, pícaro rilhote, fuma o pito
da tua suficiêcia desleigada.

De dentro afora, e fora adentro, alísios
e contralísios, e o mundo rola, rola,
sempre a rolar, e ti rolas co mundo.

Ventos de espírito! De que gorja sopram?

Anda, neno, arrandeia-te. Anda, joga;
que o teu jogo é a tua vida. Ampeia, arfa.

Já a lua, boa neneira, de avantal
branco e meixelas brandas, vem, exacta,
na tua procura, para che dar o leite
derradeiro e deitar-te. Acouga, dorme.

Já no teu berce estás; ja é noite: leces.

Já estás sereno, imóvel, e umha mam
desconhecida, que só ves em sonhos,
a abalar o teu berce está. Arrandeio
sem pensamentos! E o mundo rola, rola.

Demasiado duro és p'ra contigo.
Com todos demasiado duro.
Perdoa-los a eles de contado.
Em troques
de amor, dás-lhes perdom.
É porque nom os amas.
Mas a ti mesmo
endejamais perdoas.
Porque tampouco te amas a ti mesmo.
E o teu perdom e a tua crueza
som o geo que esvara
do teu coalhado coração.
Com eles tes de ser menos brandido;
as pérolas guindadas
aldrajam os que as acolhen
sem procurá-las afincadamente.
Contigo hás ser máis generoso.
Sempre o réu odeia o juiz.
Se paz arelas ter contigo mesmo,
sê mais benévolo p'ra ti.
Quando a te perdoar
já tenhas aprendido,
aprendido terás a amar, a amar-te;
e mentres te nom ames,
nom amarás os mais.
Daquela,
o teu perdom p'ra os mais terá valor,
pois o teu próprio amor terá de dá-lo
e será sacrifício. Agora, nom.
Nada val o que aos outros dás.
Nada val o que a ti te negas.
Negas-lhes algo. Outorga-te algo.
Se nom tes pra ti lume que te quente,
o rio dos teus dons aos que te aldrajam,
será glaciador que nom podam beber.

Hai quem a vida leva nos seus fros
como um formoso neno;
el ledó e fiz Cristobalom triunfante.
Hai quem a vida leva nos seus fros
como um neno Jesus;
santo atleta de Deus,
forte atlante do céu,
crego que umha custódia ergue ao azul,
altar, trono dumha hóstia, dumha cruz.

Hai quem a vida leva nos seus fros
como umha donzela roubada,
froito orvalhado de mencer e pulo;
ladroeiro risonho dumha entena,
gozoso caçador.
E a vida, nua e virge, pataleja,
esparegida a cabeleira fria,
nas crechas do raptor – rédeas – as mans,
cingido o colo as coxas,
ferindo os pés o peito do raptor,
mentres com brado de urso o raptor ri
como um rio umha dita jogoral.

Hai quem a vida leva
como umha cruz.
No calvário somente a ceivará.
E até que ela o suporte,
há soportá-la el.
E a sua arela é a crucifixom.

Nom. Nom che é dado o gozo do botim,
a vibradoira lediça do saque
do campamento da vida vencida;
a mulher arrastada dos cabelos
à tua tenda, as tranças desatadas;
as moreias de ouro; os mantos de púrpura;
as enxebres espadas; as couraças
escintilantes, latejantes p'ra ti.
Aquel a quem os dedos da saudade,
como a asa do paxaro do solpor,
roçárom a fronte,
se a ferverça da vida desgrenhada
na ringleira o deitou dos vencedores,
no campo de batalha
há-se sentar, só, numha pedra nua,
ao sangue, ao hino, à orgia indiferente,
como um neno mendigo
que, acolhido num paço,
os brinquedos despreza,
pois nom sabe jogar.

A tua carne é moça.
A tua morte está longe.
Nom existe a morte.

Oh corpo florido.
O espírito está além.
Nom existe o espírito.

Todo o mundo é teu.
Deus está no céu.
Céu azul só é.

Realidade farta.
Realidade oca.
Nada entre umha e outra.

O rio de tempo
leva-te a outros climas.
A mar já se alvisca.

Ao desembocar,
a verdade é outra,
outro o degarar.

Todo o que vias
se desfai no espelho
dessa água tranqüila.

Paira sobre a água
o que agora é todo
e antes era nada.

Morte, espírito e Deus
Existe só isso.
Trindade sem véus.

Olhas, meu bem, as canhas dos Ancares.
Ainda o outono é rapaz e já branqueia.
Maio nevou: caraço em vez de rosas
a primavera.

Ainda nom bem com doce beijo o Minho
agarimou os flores da ribeira
-serôdios froitos dum tardeiro vrao-,
geos já as queiman.

Bate o nordês Fingói. Acobilhada
à lapa do fogar tabula a nena.
Nom coides, porque a mágoa onte se fosse,
que hoje nom venha.

SAUDADE DUMHA VOZ

Assi,
assi cantava ela.
Polo meu coração
passa tam fugitivo o seu cantar,
que a lembrança
nom o pode apreixar.

Assi cantava ela,
com aquela voz que era monlho de flores
molhado na água morna da tristeza.

Que cabelos, que vam, que beijos tinha?
É do esqueço. Somente
a sua voz morta fica
no cadaleito do meu peito, acesa.

Perdêrom-se-me os olhos, e o cabelo, e o vam.
Ficou-me só a sua voz,
o eco da sua voz,
sem verba, sem contido.
O seu cantar que cantar era?

Polo meu coração
pasa como umha maina bris de outono
remexendo coas asas a arboreda.

Como canta essa bris,
assi cantava ela,
assi era a sua voz.

Aquela voz que era feixe de estrelas
esparegidas polo céu da dor.

FIESTRA AO MAR E À CIDADE

O dia, branca nau,
levou âncoras. Foi-se
cara ao além do mar
polo horizonte. Ainda
se vê o seu pau maior
- última claridade.
No estúdio de alto teto
do horizonte visível,
trabalha o mar, eterno
escultor de si mesmo.
O azul cravado ao alto
com mil cravos de ouro.
Na cidade vam por
corredoiras geométricas,
a tanger, os tranvias,
igual que bois ligeiros,
soando os seus chocalhos.
Nas gaiolas de vidro
-foco, farol, bugia-
Os paxaros do sol.
O seu canto de luz
a aclarar os recantos.
Ruído. O jazz-band, sofima
da música, a soar.
Na fiestra, eu: latejo.

MARIA SILÊNCIO

Cabeleira de chuvia, olhos de névoa.
Maria Silêncio, esfarrapada, à espreita.

Sempre aguardando, pola noite, as barcas.
A tua angúria fala com olhadas.

Maria Nocturna: no peirám que esperas?
Polo día nom vives?
Naces cada solpor? Cais da primeira estrela?

Maria Silêncio, sempre dura e muda...
Qual é a barca que aguardas?

Das fontes dos teus olhos
fluem rios de sono.
Pero ti sempre dura e desvelada,
batida polo vento, no peirám...

Maria Silêncio, eu roubaria
no céu
a estrela de mel,
na água
a estrela de prata,
p'ra che mercar a fala.

Se queres ulir flores,
darei-che a flor da lua.

Maria do Mar, que barca aguardas?

Queres o sol, carne de lua fria?

O sol é um porco-espinho disfarçado.
No mar agora, ouriço de mar, dorme.

Pescado pola cana do abrente,
darei-cho eu, raiolante e molhado.

Maria Silêncio, Voz Dormida: fala!

A que afogado esperas,
Maria da Sombriça Esperança?

Maria Silêncio, aguardas a tua voz?
As ondas do mar levado roubarom-cha?

De chuvia e vento vestida,
Maria Silêncio, calada...